www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 164, 2026 | DOI: 10.69849/bdj0jd08

Adesão ao tratamento com colírios no glaucoma: fatores associados, dificuldades e estratégias para melhorar o uso dos medicamentos

Adherence to glaucoma eye drop treatment: associated factors, challenges and strategies to improve medication use

Maria Eduarda Santana Bruneto[1]
João Victor Santana Bruneto[2]

Resumo

O glaucoma exige acompanhamento contínuo para reduzir o risco de perda visual, mas o uso diário de colírios pode ser difícil de manter. Este artigo analisa fatores associados à adesão ao tratamento, dificuldades na aplicação dos medicamentos e estratégias de apoio aos pacientes, com base em uma revisão narrativa de seis artigos científicos. As publicações apontam falhas na regularidade do uso, interrupções do tratamento e erros na instilação, além de resultados favoráveis de intervenções educativas e acompanhamento individualizado. A análise indica que a adesão envolve tanto a continuidade da prescrição quanto a capacidade de administrar corretamente o medicamento. É importante reconhecer as barreiras vividas pelo paciente e orientar a técnica de aplicação são medidas relevantes para qualificar o cuidado, embora os efeitos dessas estratégias sobre a evolução visual a longo prazo ainda exijam investigação.

Palavras-chave: glaucoma; adesão à medicação; colírios; técnica de instilação; educação do paciente.

[1] Superior Completo, Instituição: Uniceub em Brasília (CEUB) Brasília - DF, Campus Universitário , E-mail: mariabruneto@gmail.com

[2]Superior Incompleto, Instituição: Uniceub em Brasília (CEUB), Brasília - DF,Campus Universitário E-mail: joaobruneto03@gmail.com

Abstract

Glaucoma requires ongoing care to reduce the risk of vision loss, yet daily eye drop use can be difficult to sustain. This article examines factors associated with treatment adherence, difficulties in medication instillation, and patient-support strategies through a narrative review of six scientific articles. The publications describe irregular use, treatment discontinuation, and errors in eye drop administration, alongside favorable results from educational and individualized support interventions. The findings indicate that adherence involves both continuing prescribed treatment and administering medication correctly. Identifying patient-specific barriers and teaching instillation techniques may improve care, although the long-term impact of these strategies on visual outcomes requires further investigation.

Keywords: glaucoma; medication adherence; eye drops; instillation technique; patient education.

Introdução

O glaucoma reúne doenças do nervo óptico que podem provocar perda progressiva e irreversível da visão. A redução da pressão intraocular é uma das principais medidas utilizadas para diminuir o risco de progressão, e os colírios hipotensores ocupam lugar importante no tratamento. Entretanto, a eficácia demonstrada por um medicamento em condições controladas não garante que ele produza o mesmo benefício na rotina de todos os pacientes. Para isso, é necessário que as doses prescritas sejam utilizadas de forma regular e administradas adequadamente (Baudouin et al., 2025).

A necessidade de tratamento prolongado representa um desafio particular. Muitos pacientes permanecem sem sintomas perceptíveis por anos, mesmo quando a doença demanda controle contínuo. Além disso, dificuldades motoras, baixa visão, desconforto ocular, custos e organização da rotina podem interferir no uso dos colírios. Nem sempre uma dose perdida corresponde a desinteresse pelo tratamento, em alguns casos, a pessoa tenta seguir a prescrição, mas não consegue colocar a gota no olho corretamente (Gomes et al., 2017).

A literatura diferencia a adesão da persistência no tratamento. A adesão é em relação ao

uso correto dos medicamentos, seguindo as doses e os horários prescritos, enquanto a persistência diz respeito à continuidade do tratamento ao longo do tempo. Além disso, a forma como o colírio é aplicado também é importante, pois mesmo pacientes que utilizam o medicamento diariamente podem apresentar dificuldades na aplicação e não receber a dose adequada. Assim, avaliar esses três aspectos separadamente permite compreender melhor as dificuldades enfrentadas pelos pacientes durante o tratamento (Oltramari et al., 2024; Baudouin et al., 2025).

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar as evidências científicas sobre adesão ao tratamento com colírios no glaucoma, discutir os fatores que dificultam seu uso e examinar estratégias capazes de favorecer a continuidade e a aplicação correta dos medicamentos.

Metodologia

Este artigo foi desenvolvido como revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico, a partir de seis artigos científicos publicados entre 2015 e 2026. Foram selecionadas publicações que investigaram a adesão ou a persistência ao tratamento tópico do glaucoma, a técnica de aplicação dos colírios e intervenções destinadas a melhorar seu uso. A seleção foi direcionada à pertinência dos artigos para o tema, com conferência de autoria, periódico, ano, DOI e informações apresentadas nos resumos ou textos originais.

A análise considerou as características das populações, os métodos de avaliação da adesão, os principais achados e as limitações reconhecidas pelos pesquisadores. Os resultados foram comparados de forma qualitativa, sem realização de nova metanálise, busca sistemática exaustiva ou avaliação independente do risco de viés. As pesquisas analisadas empregam medidas diferentes, como registros de dispensação, monitoramento eletrônico e observação da técnica, razão pela qual seus percentuais não foram tratados como diretamente equivalentes.

Resultados

Os seis artigos selecionados mostram que a dificuldade de manter o tratamento com colírios não se limita ao esquecimento. As pesquisas abordam três dimensões complementares: a

regularidade das doses, a continuidade ao longo dos meses e a administração correta do medicamento. Os resultados também indicam que diferentes formas de orientação e acompanhamento podem modificar o comportamento dos pacientes.

Baudouin et al. (2025) reuniram 50 publicações correspondentes a 47 estudos, com aproximadamente 961 mil pacientes em uso de análogos de prostaglandinas. Na metanálise, a proporção média de pacientes considerados aderentes após um ano foi de 44% (intervalo de confiança de 95%: 31% a 58%). A persistência média, isto é, a continuidade da terapia segundo os critérios de cada estudo, foi de 56% no primeiro ano e de 31% no terceiro. Esses resultados mostram que a manutenção do tratamento tende a se tornar mais difícil com o passar do tempo. Os percentuais foram obtidos a partir de diferentes estudos e não correspondem à frequência observada em uma única população.

Em investigação realizada no Brasil, Oltramari et al. (2024) acompanharam 110 pacientes com glaucoma primário de ângulo aberto. A adesão foi medida por dispositivo eletrônico durante 60 dias, e 28,18% dos participantes foram classificados no grupo de baixa adesão, segundo o limite estabelecido pelos pesquisadores. Os autores identificaram associações entre adesão insuficiente e fatores sociodemográficos ou clínicos, incluindo escolaridade, renda e ausência de plano de saúde. Também encontraram relação com progressão do glaucoma e perda de acompanhamento no período analisado. Por se tratar de um estudo observacional, esses achados não demonstram, isoladamente, que a baixa adesão tenha provocado a progressão.

Outra pesquisa brasileira examinou um problema diferente: a técnica de instilação. Gomes et al. (2017) observaram 71 pacientes que aplicavam seus próprios colírios havia pelo menos seis meses. Somente 28% conseguiram colocar uma única gota no saco conjuntival sem encostar a ponta do frasco no olho ou na região próxima. Em 62%, houve contato do frasco com estruturas oculares ou perioculares; em 49%, parte da medicação caiu na pálpebra ou na face. Portanto, a experiência prévia de uso não assegurou uma aplicação correta. O estudo avaliou a execução da técnica naquele momento, não a regularidade das doses ao longo de vários meses.

As pesquisas que testaram intervenções educativas apontaram possibilidades de melhora. Djafari et al. (2015) distribuíram aleatoriamente 165 pacientes recém-diagnosticados entre

cuidados habituais e duas sessões de educação sobre a doença e seu manejo. Após um ano, 89% dos participantes que receberam a intervenção mantiveram persistência ao uso dos colírios, em comparação com 77% no grupo controle. A intervenção também favoreceu a técnica de aplicação e a compreensão da importância do tratamento. O resultado sugere benefício da educação estruturada em pacientes que iniciam a terapia, sem permitir afirmar que a mesma diferença ocorrerá em todos os contextos assistenciais.

Davis et al. (2019) avaliaram uma orientação mais breve em 92 pessoas com glaucoma primário de ângulo aberto. Os participantes foram sorteados para assistir a um vídeo educativo de quatro minutos sobre instilação ou a um vídeo de tema não relacionado. Em comparação com o grupo controle, quem recebeu a orientação específica executou, em média, 0,73 etapa adicional corretamente logo após assistir ao vídeo e 0,63 etapa adicional após um mês, considerando os ajustes estatísticos realizados. A melhora foi observada na técnica, mas o estudo não demonstrou que um vídeo isolado previna a perda visual.

Mais recentemente, Newman-Casey et al. (2026) investigaram um programa de acompanhamento personalizado, com orientação, conversas motivacionais, contatos telefônicos e lembretes. No ensaio randomizado com 235 pacientes, a adesão média monitorada eletronicamente durante seis meses foi de 77,6% no grupo que recebeu o programa e de 58,0% no grupo com material educativo escrito, diferença de 19,7 pontos percentuais. A intervenção também reduziu o sofrimento associado ao glaucoma. Como foram combinadas várias medidas de apoio, o estudo não permite atribuir a melhora a uma única ação, como os lembretes ou as conversas presenciais.

Discussão

A leitura conjunta das publicações mostra que a adesão ao tratamento não é um comportamento único e facilmente resumido em uma pergunta durante a consulta. O paciente pode retirar o medicamento na farmácia, mas deixar de usá-lo em determinados dias; pode seguir os horários e, ainda assim, aplicar a gota fora do olho; ou pode interromper a terapia depois de meses de utilização. Essas situações exigem respostas distintas da equipe de saúde. A metanálise de Baudouin et al. (2025) evidencia a dificuldade de manter o tratamento ao longo dos anos,

enquanto o estudo de Gomes et al. (2017) demonstra que a execução da técnica precisa ser observada diretamente.

Essa diferença ajuda a interpretar os percentuais encontrados nas pesquisas brasileiras. A baixa adesão de 28,18% registrada por Oltramari et al. (2024) foi identificada por monitoramento eletrônico, conforme um critério de frequência de uso. Já os 28% de aplicação correta descritos por Gomes et al. (2017) representam outra medida, obtida durante observação direta. Embora os números sejam parecidos, não indicam a mesma coisa e não devem ser comparados como se descrevessem um único problema. A separação entre regularidade e técnica é uma contribuição importante para a prática clínica.

Os fatores associados à baixa adesão também precisam ser interpretados com cautela. No estudo de Oltramari et al. (2024), determinadas condições sociais e clínicas acompanharam maior dificuldade no uso regular dos medicamentos. Esses achados apontam barreiras que podem orientar a atenção da equipe, mas não permitem reduzir o comportamento de cada paciente à escolaridade, à renda ou à idade. Além disso, a associação com progressão do glaucoma merece atenção sem ser confundida com prova de causalidade, pois gravidade da doença, acesso aos serviços e outras características podem influenciar ambos os resultados.

Os estudos de intervenção indicam que orientar o paciente pode produzir resultados mensuráveis, mas também mostram que "educação" abrange estratégias diferentes. Djafari et al. (2015) utilizaram sessões presenciais mais longas e observaram melhora da persistência. Davis et al. (2019) testaram um vídeo curto e encontraram benefício na execução da técnica. Já Newman Casey et al. (2026) combinaram apoio personalizado, contatos frequentes e recursos para organizar as doses, com melhora relevante da adesão eletronicamente monitorada. Não seria adequado ordenar essas intervenções por eficácia apenas pela diferença entre seus resultados, pois os estudos mediram desfechos distintos e envolveram populações diferentes. Ainda assim, a comparação aponta uma direção prática: a orientação ganha utilidade quando responde à dificuldade concreta. Para quem não compreende a necessidade de tratar uma doença inicialmente silenciosa, explicar sua evolução pode ser decisivo; para quem apresenta limitação motora, observar a instilação e adaptar a técnica pode ser mais importante do que repetir

recomendações sobre horários. O programa de Newman-Casey et al. (2026) acrescenta a possibilidade de acompanhar obstáculos ao longo do tempo, em vez de oferecer informação apenas no início do tratamento. Essa é uma interpretação das publicações, não uma comparação direta entre todas as estratégias.

Também é necessário distinguir melhora da adesão de prevenção comprovada da perda visual. Embora o uso adequado dos hipotensores oculares faça parte do controle do glaucoma, os ensaios educativos selecionados avaliaram principalmente comportamentos, técnica e persistência. Seus períodos de seguimento não demonstram, por si só, que essas intervenções reduzam a progressão do campo visual ou a perda definitiva da visão. Estudos que relacionem medidas de adesão, pressão intraocular e evolução funcional por períodos mais longos são importantes para esclarecer essa questão.

Esta revisão possui limites. A seleção foi direcionada a seis artigos e não pretende representar toda a literatura sobre o tema. Os estudos diferem quanto ao tempo de acompanhamento, à gravidade do glaucoma, aos medicamentos utilizados e à forma de medir a adesão. Parte das evidências vem de pesquisas observacionais, sujeitas a fatores de confusão, enquanto os ensaios de educação avaliaram intervenções específicas. Por isso, o conjunto sustenta a necessidade de reconhecer barreiras e testar formas de apoio, mas não estabelece uma única estratégia como suficiente para todos os pacientes.

Conclusão

Conclui-se que a adesão ao tratamento com colírios no glaucoma depende de mais do que conhecer a prescrição. A continuidade do uso, a regularidade das doses e a técnica de aplicação são aspectos complementares e precisam ser avaliados separadamente. Os artigos analisados mostram dificuldades frequentes nessas três dimensões, além de benefícios de intervenções educativas e de acompanhamento individualizado.

A principal contribuição desta revisão é destacar que as medidas de apoio devem partir da dificuldade identificada em cada paciente. Explicar a doença, observar a instilação e acompanhar a rotina de uso são ações com fundamentos distintos e potencialmente complementares. Embora

os estudos demonstrem melhora da adesão e da técnica, ainda é necessário avaliar em pesquisas prolongadas quanto essas mudanças contribuem para preservar a função visual. O cuidado, portanto, deve combinar orientação prática, acompanhamento contínuo e avaliação dos resultados clínicos.

Referências

BAUDOUIN, C. et al. Adherence and persistence on prostaglandin analogues for glaucoma: a systematic review and meta-analysis. **American Journal of Ophthalmology**, v. 275, p. 99–113, 2025. DOI: 10.1016/j.ajo.2025.03.025. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ajo.2025.03.025. Acesso em: 9 nov. 2026.

DAVIS, S. A. et al. A randomized controlled trial of an online educational video intervention to improve glaucoma eye drop technique. **Patient Education and Counseling**, v. 102, n. 5, p. 937–943, 2019. DOI: 10.1016/j.pec.2018.12.019. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.pec.2018.12.019. Acesso em: 9 nov. 2026.

DJAFARI, F. et al. Impact of a brief educational intervention on glaucoma persistence: a randomized controlled clinical trial. **Ophthalmic Epidemiology**, v. 22, n. 6, p. 380–386, 2015. DOI: 10.3109/09286586.2015.1083036. Disponível em: https://doi.org/10.3109/09286586.2015.1083036. Acesso em: 9 nov. 2026.

GOMES, B. F. et al. Assessment of eye drop instillation technique in glaucoma patients. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, v. 80, n. 4, p. 238–241, 2017. DOI: 10.5935/0004-2749.20170058. Disponível em: https://doi.org/10.5935/0004-2749.20170058. Acesso em: 9 nov. 2026.

NEWMAN-CASEY, P. A. et al. Effect of the Support, Educate, Empower Personalized Glaucoma Coaching Program on Medication Adherence: the SEE Program randomized clinical trial. **JAMA Ophthalmology**, v. 144, n. 4, p. 299–306, 2026. DOI: 10.1001/jamaophthalmol.2026.0001. Disponível em: https://doi.org/10.1001/jamaophthalmol.2026.0001. Acesso em: 9 nov. 2026.

OLTRAMARI, L. et al. The association between glaucoma treatment adherence with disease progression and loss to follow-up. **Scientific Reports**, v. 14, art. 2195, 2024. DOI: 10.1038/s41598-024-52800-2. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41598-024-52800-2. Acesso em: 9 nov. 2026.